

# *Invieta Cine*

ANO X

N.º 176



MARY PICKFORD

SEMANARIO ILUSTRADO  
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50  
c<sup>os</sup>



# INVICTA CINE

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

-SINGRANDO CONTRA TODAS AS PROCELAS-

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:  
**ROBERTO LINO**  
E  
**SOUTINHO D'OLIVEIRA**  
REDACTOR PRINCIPAL:  
**ALVES COSTA**  
ADMINISTRADOR:  
**JOAQUIM TEIXEIRA**  
PROPRIEDADE DA  
**EMPRESA INVICTA - CINE**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO PROVISÓRIA:  
RUA DAS MUSAS, 45 — PORTO (PORTUGAL)

ANO X  
Número 176  
PORTO  
9 DE JULHO  
1932

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPO-LITO  
GONÇALVES & NOGUEIRA, LIMIT. — PORTO

REDACTORES:  
LISBOA: FERNANDO BARROS  
E AGUINALDO MACHADO  
PARIS: DANIEL MAYBON, ROBERT  
GAILLARD, GEO POIRIER E MAURICE  
HILÉRO  
NOVA-YORK: ARTUR COELHO  
VIENA (AUSTRIA): FRITZ MIKO  
ROMENIA: SAMUEL STEINBERG  
COLABORADOR ARTÍSTICO:  
FERNANDO LACERDA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## DAMOS

durante 30 dias, me-  
diante a apresenta-  
ção deste anúncio,

### 1 CORTE DE CALÇA

a todos os fregue-  
ses que comprem  
na nossa casa

### 1 CORTE DE FATO

na importância supe-  
rior a 100 escudos.

**Diferenças de 30 a 60 %.**

em tôdas as fazendas  
para fatos e calças.

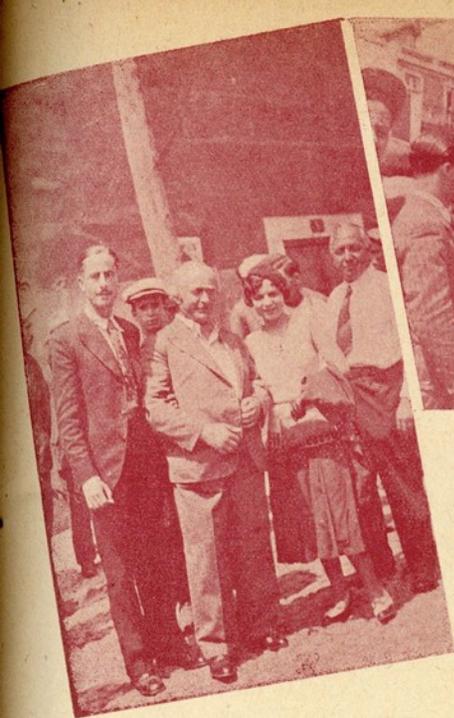
**CASA DONAS**

R. Fernandes Tomaz, 822-PORTO

## A Fotografia Guedes,

de Neves Guima-  
rães, é a primeira  
fotografia do país, con-  
forme o atestam os  
primorosos trabalhos  
patentados ao pú-  
blico na sua exposi-  
ção permanente.

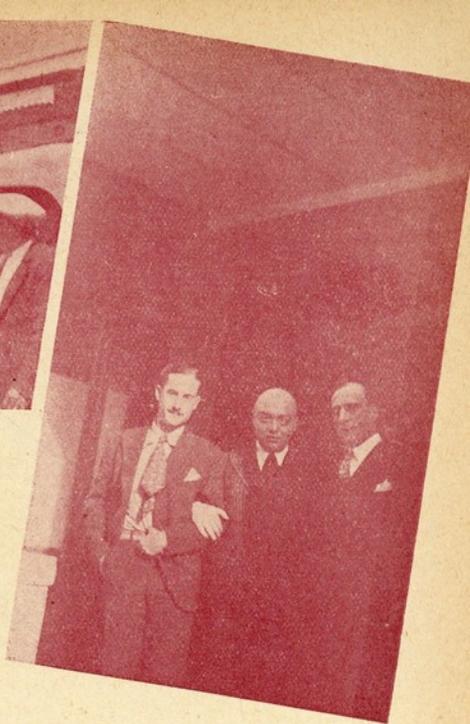
Visitem as suas sumptuosas  
instalações, na rua de Santa  
Catarina, 346 a 350 — Porto.  
Telefone, 2680.



A' esquerda: Fernando, Carl Hoffmann e Heloisa Clara.



Ao centro: Peter Lorre e alguns dos seus melhores amigos em Portugal.



A' direita: Fernando, Peter Lorre e Nascimento Fernandes.

(Fotos «Invicta Cine»)

## Ultima reportagem sobre a «Ufa» em Lisboa

No momento em que escrevo já a caravana da «Ufa» partiu no *Sud*, em direcção a Paris.

Aí vão alguns aspectos colhidos à tã, durante as filmagens e durante os últimos momentos que passei junto daquela simpática gente.

Depois de tantas epidemias que têm assolado o mundo, uma nova doença atacou as raparigas lisboetas: a *jeanmuralite*, de carácter epidémico e de efeitos terríveis.

Jean Murat têm-se visto em palpos de aranha para conseguir defender-se da sanha ferocinamente histórica com que algumas *cinéfilas* o perseguem.

Aí vai um caso, de que me lembro agora.

Conversava eu, no hall do Avenida Palace, com alguns dos enviados da «Ufa», quando ouvimos um som agudo, esquisito, semelhante ao que se ouvia no início das *Luzes da Cidade*, e que nos pareceu vagamente proceder de um corpo humano. Aproximamo-nos e vimos duas raparigas, aí dos seus quinze anos, discutindo num francês avariadíssimo com um senhor dos da «Ufa».

— *Mais, mesdemoiselles, monsieur Murat ne peut pas vous parler maintenant!*

— Deixá-lo! gritava uma das serigaitas, o que eu lhe garanto é que não saíam daqui sem que êle me dê uma fotografia autografada.

E quando daí a perto duma hora eu saía do Avenida Palace ainda elas estavam no hall, vigilantes e renitentes.

Cá fóra, ao pensar na tortura de Jean Murat ao aturar centenas daquelas alucinadas, não pude deixar de declamar para um amigo que me acompanhava: *ó glória de filmar, ó vã cubica.*

Filmava-se uma cena à porta duma barbearia, nos Restauradores.

Peter Lorre devia aproximar-se do barbeiro, que fumava um cigarro à porta, e propôr-lhe um negócio de cocaína.

Afastada para longe a multidão — vá lá, o povo de Lisboa portou-se bem — começou-se a filmar.

Nisto, um senhor distraído e apressado dirige-se muito naturalmente para a barbearia.

Kurt Gerron — o realizador — vê, mas não diz nada, tentando talvez valorizar a cena com uma nota real.

O senhor distraído e apressado vendo a porta ocupada por dois homens, dá um empurrão em Lorre e entra.

Este, que não contava com aquilo, dá um salto de símio e volta-se numa posição de defeza que fêz rir tôda a gente.

Mais uma cena estragada...

Quando cheguei a Alfama fui encontrar o volumoso Kurt Gerron a atirar punhados de moedas de dois tostões ao rapazio.

— Alto! que o homem têm bom coração, pensei.

No final de contas Gerron procurava muito praticamente conservar o rapazio a uma certa distância, para que não prejudicasse a tomada de sons.

Este Kurt Gerron é um homem simpatiquíssimo, sempre alegre, bem dispôsto, rindo-se e brincando com todos.

Foi sôbretudo por ter observado a sua educação, a sua bôa disposição e a sua serenidade imperturbável, que eu fiz uma ideia da rigorosa disciplina que reina num estúdio de filmes sonoros, de que esta *troupe* é uma amostra.

Só porque um fotógrafo saíra por alguns minutos do lugar que lhe tinha sido indicado, Kurt Gerron, o bom gigante, o calmo, o sorridente, o bem educado, estranhou de tal modo o facto e de tal modo perdeu a trasmontana que durante uns cinco minutos praguejou como uma regateira, enquanto o fotógrafo, muito pálido e sem sequer tentar justificar-se tinha retomado o lugar.

Fernando, tem o prazer de apresentar

# Monique Roland

aos leitores da «Invicta Cine»

Sim, meus caros, tenho o prazer de vos apresentar mademoiselle Monique Roland, jóveme parisiense contratada pela «Ufa» para fazer o segundo papel feminino da versão francesa de *Estupefacientes*, papel que em alemão é feita por Trude von Mollo.

Vocês nunca ouviram falar dela, pois não? Eu também nem de nome a conhecia.

Quando Jean Murat, no cais de Alcântara, momentos depois de desembarcar, me disse que daí a três ou quatro dias devia também chegar a Lisboa, no *Sud-Express*, vinda de Paris, Monique Roland, eu acolhi a notícia com absoluta indiferença e não mais voltei a pensar em tal pessoa.

Ontem, todavia, quando Kurt Gerron, no Campo Grande me chamou para me apresentar Monique Roland, que acabava de filmar, não foi com indiferença que eu gaguejei o *enchanté* da praxe.

E' que mademoiselle Monique é daquelas raparigas perante as quais nem o refratário José do Egito poderia ficar absolutamente indiferente.

Falar-vos da sua beleza esquisita, dos seus cabelos loiros, loiros claros, dos seus olhos, da sua bôca? E' desnecessário. A foto que ela me deu e que publicamos nesta página explica tudo isso melhor que a minha prosa.

Falar-vos da simpatia que tôda a sua pessoa emana, da sua fluência quando conversa; falar-vos da sua gentileza, do seu delicioso à-vontade, é também desnecessário: basta dizer-vos que mais do que francesa, ela é parisiense.

Uma das figuras mais simpáticas que veio na embaixada da «Ufa» e indubitavelmente uma das de mais valor, é o grande operador Carl Hoffmann.

Baixo, com poucos mas mui compridos cabelos, tão depressa brinca com êste ou com aquê, despreocupadamente, como, encarrapitado no *charriot*, filma atentamente uma cêna em *travelling*.

Hoffmann pecava para mim por um absoluto desconhecimento do francês, de modo que pouco falamos, e êste pouco foi por intermédio de Peter Lorre.

Tiramos, todavia, fotografias juntos e fômos excelentes camaradas.

E agora, uma notícia que Lorre me deu, no momento da partida:

Hoffmann será o realizador do próximo filme de Peter Lorre, filmado nos Carpatos. O argumento é do próprio Lorre e baseia-se numa lenda antiga, que eu não vos conto porque é muito complicada.

No bar do Avenida Palace, meia hora antes da partida do *Sud*.

Estou sentado a uma mēsa com Peter Lorre e Carl Hoffmann, que escorropicham *cocktails* como quem não quer a coisa.

Os outros vão chegando. Jean Murat, Kurt Gerron, Roger Le Bon e Monique Roland, ultimados os preparativos para a viagem, vêm tomar alguma

Monique Roland tem na linha dos seus vestidos qualquer coisa da *rue de la Paix*, nos seus olhos vê-se ainda um bocadinho de Montparnasse, na sua elegância requintada um pouco do requintado Paris; tôda a sua pessoa emana — mesmo nos mais pequenos gestos — civilização, uma civilização superior.

Como tôdas as coisas infalíveis, o pedido de uma entrevista sucedeu imediatamente à apresentação.

A's seis e meia da tarde, no salão do Avenida Palace, voltamos a encontrar-nos.

Tendo-se desfeito já do tom amarelado que o *maquillage* lhe dava, tendo substituído também o vestido amarelo com que filmara por um azul, Monique recebe com um sorriso onde há um pouco de tudo — meu Deus, que cocktail! — os meus elogios de galanteador inveterado, que o rápido encontro daquela tarde não me tinha permitido fazer.

A conversa desliza, fútil, suave sem eu me lembrar, sequer, que estava ali para ser indiscreto terrivelmente indiscreto, no meu papel de jornalista.

Até que, talvez como consequência do rumo mais ou menos cinematográfico que a conversa tomara, eu formulo uma pergunta já bastante jornalística:

— Há quanto tempo trabalha no cinema?

— Ainda não há um ano. Com êste, é o quarto filme em que trabalho.

— E' a primeira vez que filma para a «Ufa»?

— Sim, é mesmo a primeira vez que trabalho fóra de França.

coisa antes de partirem. Jean Murat farta-se de rir quando eu lhe digo que vi na véspera, num cinema de reexibições, *A fonte dos Amores*, que êle filmou há dez anos e em que fazia um papel cínico.

Um senhor mostra-me um album onde Peter Lorre e Hoffmann tinham desenhado duas excelentes caricaturas de Gerron. Fiquei surpreendido, porque não lhes conhecia aquela habilidade.

Roger Le Bon informa-se da maneira como Lorre passou a noite, e êste conta coisas que eu não posso de modo algum reproduzir...

No *hall* aglomeram-se já os cinéfilos.

Chega a hora de ir para a estação.

De braço dado com Lorre e Hoffmann, sirvo-lhes de guia.

Pronto. Já estão todos dentro das carruagens. Faltam cinco minutos.

Aperto pela última vez a mão a todos.

Monique Roland promete escrever-me de Paris. Peter Lorre garante-me que logo que tenha tempo livre vêm passar uns dias a Sintra. Kurt Gerron mais uma vez se declara satisfeitíssimo com o acolhimento, e mais uma vez se queixa das dificuldades alfandegárias.

Está na hora. Ouve-se um silvo e o combóio começa a deslizar no cais.

Agitam-se imensas mãos no ar, e ouvem-se as últimas despedidas, em francês:

— *Au revoir*.

— *Bon voyage*.

Lisboa, Julho, 1932.

Em França trabalhei, entre outras, na casa «Pathé-Natan» e na «Tobis» de Epinay.

E' curioso que na «Tobis», uma tarde, num intervalo da filmagem, comecei a cantar uma das canções da *Severa*, e com grande admiração minha, tôda a gente que trabalhava naquele estúdio conhecia já aquela música. Só então é que soube que êsse fonofilm português tinha sido filmado em Epinay.

— Mas — perguntei admiradíssimo — quando foi que você aprendeu a música da *Severa*?

— Quando vi êsse filme, naturalmente.

— É onde é que você viu a *Severa*? — perguntei eu cada vez mais admirado.

— Aqui, em Lisboa, deve haver um ano.

— O quê, você já esteve em Lisboa?

— Sim. Há um ano, pouco mais ou menos, passei alguns dias em Lisboa, e é desde então que conheço esta cidade e arredores, pois desta vez não tenho tempo de vêr nada.

— Gosta muito de filmar?

— Imenso. Olhe, quando estive em Lisboa há um ano, ainda nem sequer pensava em me dedicar ao cinema, mas agora sinto-me felicíssima, e conto dedicar-me de alma e coração a esta arte, onde gostaria de triunfar. Eu por enquanto nem mesmo em Paris sou conhecida pelo público, pois apenas agora foi apresentado o meu primeiro filme.

No entanto, tenho esperança e muita vontade de trabalhar.

Nesta altura voltei aos elogios, aliás feitos o mais convencidamente possível. Augurei-lhe uma carreira brilhante, e tenho a certeza que esta profecia se cumprirá.

A conversa flutuou por momentos entre diversos assuntos até que, como não podia deixar de ser entre uma mulher e um jornalista, caiu na má língua.

— E dos seus colegas, que pensa?

Monique sorri — oh, as mulheres quando se querem esquivar a qualquer resposta têm sempre um sorriso que nos obriga logo a pensar noutra coisa... — e respondeu-me com um *o melhor possível*, o mais evasivo que pôde imaginar.

Resolvi ser mais concreto e perguntei-lhe quais os galãs franceses que preferia.

Hesita, diz coisas vagas, volta a sorrir — caramba! agora é demais! — e acaba por dizer:

— Gosto muito de Jean Murat, que além de ser bom artista, de ter imenso talento, tem uma excelente figura, e de Albert Préjean. A minha admiração por êste é simplesmente devida ao seu talento, visto que fisicamente Albert Préjean, é a maior vulgaridade de França.

Falamos ainda doutros artistas e eu fiquei contente por saber que Monique compartilhava da minha antipatia por Henry Garat.

— Você gosta de Danièle Parola, que faz o primeiro papel feminino de *Estupefacientes*?

— E' curioso que apenas a vi num dos seus piores filmes, a *Ilha Perdida* — creio que se chamava assim êsse filme — e que, embora vá trabalhar com ela dentro em pouco, nem de vista a conheço.

Não posso portanto, falar-lhe dessa artista.

Monique Roland fala-me também de Nascimento Fernandes, com quem filmara em Cascais.

A propósito de Nascimento mostro-lhe uma foto que eu tirara com êle e com Peter Lorre, mas Monique, curiosíssima, pediu-me que lhe mostrasse umas outras fotos que eu tinha juntamente.

Nessas fotos, além de mim, estavam Heloisa Clara, a irmã, o Carl Hoffmann, o Peter Lorre e mais algumas pessoas da «Ufa».

Ao vêr Heloisa pergunto-me quem era. A saber que se tratava duma artista cinematográfica portuguesa, olhou-a bem, confrontou as fotos em que ela estava, e acabou por a elogiar vivamente.



— *Et cette jeune fille, qui est-elle?* — perguntou Monique referindo-se a Fernanda Maria, a irmã de Heloisa Clara.

Elogiou-a também imenso e ao saber que era irmã de Heloisa perguntou se também fazia cinema. Que não, que não tinha nenhum entusiasmo por isso, informei.

— *Domage! Parqu'elle est très gentille, la petite!*

Conversavamos havia perto de uma hora, e eu contristadíssimo, notei que tinha de me retirar.

— Monique, dê-me a sua direcção para que eu lhe mande a *Invicta-Cine* e lhe possa dar notícias de Portugal.

Monique escreve, no meu carnet, a sua direcção em Paris; ao acabar, repara que na mesma fôlha está o nome e a morada de Leitão de Barros e diz-me:

— Leitão de Barros? Mas é o realizador da *Severa*, não é?

— Exactamente!

E pasmei da atenção que Monique dava às coisas portuguesas.

Mademoiselle Roland autografa ainda uma foto para vocês e eu retirei-me, ficando de ir despedir-me à estação, quando ela partisse.

E é que não faltei...

Lisboa, Junho, 1932.

F E R N A N D O

«Invicta Cine» é a revista cinematográfica de maior expansão no norte de Portugal.

# FITAS FALADAS...

## As filmagens da Ufa

Nos Restauradores, à porta de uma barbearia, havia uma cena a filmar.

O papel de barbeiro, na versão francesa, era feito pelo Nascimento Fernandes. Já tinham filmado a versão alemã, e esperavam pelo Nascimento, que não se fez à hora combinada. O Kurt Gerron, dando palmadas na sua enorme barriga, mostrava-se pouco satisfeito com a falta de pontualidade do Nascimento.

E estava irritado chupando o charuto cada vez com mais fúria.

Nesta altura apareceu o Fernando, com a sua *Kodak*, disposto a continuar as reportagens para a *Invicta*. Não sei por quê, tomaram o Fernando pelo Fernandes e quando uma voz disse que era êle o português — como chamavam ao Nascimento Fernandes — salta da barbearia um *maquilleur* que depõe carinhosamente no rosto do nosso camarada uma camada de pó de arroz — para o tornar mais alvo, mais fotogénico. Mas o equívoco desfez-se, com a chegada do Nascimento, senão lá tínhamos o nosso Fernando arvorado em barbeiro...

Começaram a filmar.

Peter Lorre dirige-se ao Nascimento Fernandes, que está à porta da barbearia, e, depois de balbuciar meia dúzia de coisas vagas, convida-o a acompanhá-lo.

Em seguida filmaram outra cena.

Nascimento Fernandes regressa só, muito nervoso, e ao pretender entrar na barbearia é preso por três detectives, prisão bastante movimentada e que assustou alguns dos espectadores, que a julgavam a valer. Foi uma cena bem feita. Eu não conheço as cenas que foram filmadas lá fóra, na Alemanha, mas creio que nenhuma delas tem tanto realismo como esta. Houve um detective que me deixou assombrado, foi uma revelação (afinal, também sabe trabalhar em pé). Fiquei pasmado! Que realismo, que vigor na interpretação... Caramba! Há muito tempo que não vejo assim trabalhar.

Depois de um intervalo de quinze minutos, para carregarem o material na camionete, fomos para Alfama.

Quando chegamos a Alfama, já estava tudo preparado para se começar a filmagem.

Uma taboleta, com os dizeres do Hotel de Alfama, foi colocada num prédio. A' porta, encontrava-se o seu proprietário lavando copos num alguidar de zinco, colocado em cima de um banco.

Os espectadores daquele espectáculo de borla, eram à bicha. Nos prédios vizinhos, as janelas estavam pejudadas de gente, aquela gente do bairro de Alfama, que de noite desperta o polícia de giro, em altos berros, as mulheres crismando os maridos de malandros e outras classificações bastante honrosas...

O rapazio, o mulherio, os cães que cheiram as pernas de Hoffmann, com vontade de lhe lamberem a calva lusidia, o merceeiro da rua, que também traz uns poucos, alguns cães na algibeira, na esperança de, naquela inesperada reunião mundano-fadista, encontrar os autores que os devem liquidar. Isto falando só nos espectadores com assinatura, que têm direito a assistir ao espectáculo, que são os proprietários da sala, da rua, do bairro — vão lá dizer-lhes o

contrário, se querem levar um sinal de zôrro, característico, feito à naifa, com tôda a perfeição e a preços módicos. Nem houve quem demovesse os garotos de jogarem à pancada, trocaram chapadas sonoras, e dizerem nomes bonitos. Aquilo era tudo a fingir, eram fitas, e êles costumam vê-las assim mesmo, com pancadaria, correrias e mexer de lábios que êles não compreendiam.

Aquilo que o careca filmava, mandado pelo pancudo, era assim e depois veriam no *piólho*.

Os cinéfilos, os coitados estavam bem representados. Uma rapariga, talvez a embaixatriz, procurava dar nas vistas de alguém da «Ufa». Fazia brilhar as sobrancelhas com uma dose de cuspe que applicava com as pontas dos dedos, fazendo igual applicação para fixar os caracois que tinha na testa.

Um cinéfilo, com uma revista na mão e uma cautela de prego na carteira, quando viu os dentes de Peter Lorre pintados de prata, para melhor se notarem no filme, ficou arrependido de não ter envólucros de chocolate para forrar a dentadura. Que infelicidade!

— *Attention!*

Iam começar a filmar uma cena em Alfama; um pequeno *travelling* de cinco metros. O rapazio continuava a *reinar*, fazendo grande alarido, que prejudicava a tomada de sons.

Era preciso mandá-los calar. Ensinaram um calão ao Kurt Gerron, que, agarrando um monte de moedas, o despachou em grande velocidade.

Ele aí vai:

— Eh! gajos!

E atirou as moedas.

Então filmou-se à vontade.

Direi de passagem que o Peter Lorre — sempre bem humorado — ofereceu, no fim das filmagens, em perfeito português, um escudo por cada beijo a dar por uma certa «estrêla» portuguesa, que não cito o nome para não me cair a redacção em cima — como me ameaçou...

Muito antes da hora da partida do *sud*, eu e o meu amigo Fergani Mahfoud, correspondente em Portugal de vários jornais estrangeiros, fomos procurar a troupe ao Avenida Palace. Era muito mais original fazer grande reportagem da partida dos artistas — assim resolvemos.

Nos rez do chão, nas informações, perguntamos ao porteiro se os artistas da «Ufa» já haviam saído.

— Ainda não — respondeu-nos.

Mas avisaram-nos que não nos atenderiam, que ainda era muito cedo, mas talvez já estivessem a vestir-se.

Sim, concordamos, não valia a pena incomodá-los. O Jean Murat podia vestir umas cuecas fundilhadas, a Trud podia pôr uma dentadura postiça, o Hoffmann podia friccionar a calva com elixir capilar e o Kurt Gerron podia beber vinagre contra a nutrição.

Deixá-los à vontade, coitados, estão extenuados do trabalho, principalmente a Trud, naquela cena de beijocas ao ar livre, à porta da esquadra do Teatro Nacional, deu-lhe bastante trabalho.

(Conclue na última página)

# CARTA de PARIS

## H. da Costa, entrevistado por Loubet, fala à «Invicta Cine»

Ao sair de Portugal, já no *sud*, enquanto me despedia dos bons amigos que foram à estação, Roberto Lino disse-me cuidadosamente:

— Não se esqueça de ir visitar o H. da Costa, o bom amigo da *Invicta*: 359, Rue St. Martin. Leve-lhe as nossas melhores saudações.

A' chegada ao Quai d'Orsay e depois já instalado no Hotel, foi a primeira direcção que dei ao *chauffeur* do taxi, que em poucos minutos me levou à velha porta de St. Martin, depois da de S. Denis, onde H. da Costa instalou o seu *bureau*.

A porteira elucida-me:

— Quarto, à direita.

Bati. A porta abre-se. Uma gentil empregada inquire o que desejo.

— Falar com Mr. Costa. Sou da *Invicta Cine*, a revista portuguesa.

Alguns minutos de espera num salão esplêndido, mobilado à francesa, num cunho de bom gosto, de modernismo.

— O senhor Costa aguarda-o.

Entramos. Aqui é o escritório, cómodo, elegante.

Pelas paredes inúmeras fotografias — a madrinha Lillian Harvey, Zil Dogover, Kathe de Nagy, o Fritz Lang e mais artistas e realizadores da U. F. A., que conheci logo ao primeiro olhar. Uma secretária atafalhada de papeis, revistas, fotos. Mesas repletas de ilustrações. Objectos de arte; pequenas estatuetas; *bibellots* em fantasias caprichosas, decorando o ambiente acolhedor.

No fundo, pousando o telefone e levantando-se gentilmente para nos receber, o sr. H. da Costa, o português que venceu na Europa e que é, sem favor, o verdadeiro distribuidor das melhores obras de arte que o Cinema atrai para os grandes «*écrans*».

H. da Costa é um perfeito *gentleman*, agradável quando fala, distinto no trato. Conhece a *Invicta* muito bem, sendo por nós considerado um dos seus bons e grandes amigos, sempre certo, sempre disposto a aturar as nossas pequeninas exigências, — exigências de informes e fotos para os nossos leitores, para a *Invicta*.

Recebe-nos galhardamente, à *portuguêsa*. Conhece-nos de nome, de crónicas e artigos de vários jornais, quando o Destino nos atirou, de caneta na mão, para as redacções das gazetas. Condescendente, disse-nos mesmo, apreciar os nossos escritos. Para a *Invicta*, para os seus leitores, teve as melhores referências, saudando-os por meu intermédio, por intermédio desta pequena entrevista.

A' nossa primeira pergunta, responde, sorrindo:

— Sim, de facto, eu sou um cinéfilo apaixonado, *doublé* de comerciante de filmes. E acredite que é muito difícil ser uma e a outra coisa ao mesmo tempo. Como cinéfilo eu gostaria de só vêr, de só fazer vêr, as boas produções, aquelas que o meu espírito aprecia com mais interesse, com muito mais entusiasmo. Mas como negociante eu não posso ser assim. Lembra-se da *Tragédia da Mina*?

Quando a vi, num «*écran*» de Paris, lembrei-me logo dos cinéfilos portugueses. Mandei-a logo. O resultado foi um prejuízo de 50 e tantos contos, — mais nada!

— De facto, em Portugal, não sabem ainda procurar os bons filmes, — dissemos.

— Agora está a passar-se no cinema Marigny uma estupenda fita alemã — *Jeunes filles en uniforme*. Estou com medo. Possivelmente não a mandarei para Portugal. E olhe que fico com pena, quasi com remorsos.

— No Marigny, dos Campos Eliseos?

— Sim; vá vê-la e depois diga-me alguma coisa. Aprecie-a bem e veja se o nosso público a aceitará, se não me obrigará a outro prejuízo...

— E a próxima época? Grandes filmes, não?

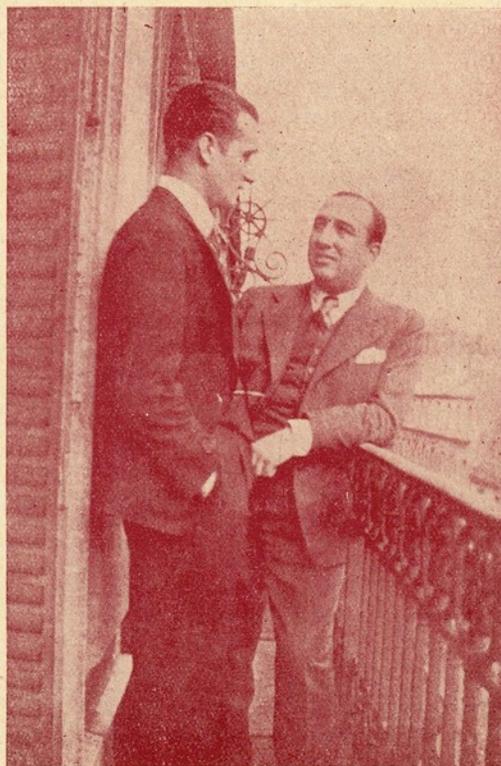
— Nem por isso. Pouca coisa, quasi nada.

A França está fazendo aqueles *sketches* que você há-de vêr nesses cinemas. Muita parra e pouca uva. Nada de interesse, falta de arte, de assuntos verdadeiramente estéticos. A Alemanha, sim, como as épocas passadas e a que corre presentemente. Os melhores filmes franceses são mesmo os alemães... Mas nem por isso será de espantar. E' claro que um «*Congresso que Dança*» não se fará tão cedo. Ope-retas ligeiras, sim. Todo o público gosta delas, do seu saudável entrêcho, da sua linda música. A U. F. A. será entre tôdas as produtoras a que fará fitas melhores.

— Mas não há já um filme digno de ser apontado?

— Sim, há um já. Chama-se *Allô... Allô... Daqui Paris... Daqui Berlin* e, no meu entender,

(Conclue na última página).



Loubet e H. da Costa

«O que o casamento me deu, foi a minha própria personalidade.

Já nada temo. O mundo sempre me vira como uma espécie de mulher fatal. O que nunca souberam, os que me analisaram com crueldade, é que a única coisa verdadeira que eu à minha volta sentia, era solidão, medo e máguia...

Casando-me com Rex Bell, mudei completamente. Tenho alguém que cuida de mim e de quem dependo.

Alguém em que posso confiar.

O meu casamento é a minha armadura. Posso encarar de novo o mundo... cara à cara, confiante! Rex e o seu amor concertaram o meu espírito — por outro lado, os seus cuidados acalmaram os meus nervos.

Sentia-me sózinha há tanto tempo que quando senti que tinha alguém por mim tão interessado, gozei uma completa e inédita satisfação. Hoje sinto-me tão segura, tão garantida!

Sempre temi o casamento, porque sabia que isso era uma união sagrada e jámais conseguí imaginar-me unida a um homem que fôsse no fim de contas o espelho onde tôdas as outras se mirassem e que após a lua de mel, engolfar-se-ia de novo na sua carreira ou nos seus negócios.

Além disso, nunca encontrei um homem na minha vida, que fôsse capaz de deixar de pensar em si, para pensar em mim um segundo apenas.

Eis o que Rex fez. Compreendeu perfeitamente que eu tinha de representar; que eu era jovem e havia tido uma infância, a mais desgraçada que se pode imaginar. Eu queria ser feliz, mas — pobre de mim! — o que eu não sabia era como conseguir essa felicidade. Rex compreendeu muito bem de que o que eu necessitava era de conselhos e protecção.

Quando êle me pediu em casamento, há um ano pouco mais ou menos, respondi-lhe que o amava demasiado para consentir nisso. Eu não sabia como portar-me no casamento. Sentia que tinha culpas e não queria além disso um casamento de *Hollywood*. Queria uma união eterna, sim, que fôsse duradoura. Sempre me senti pouco segura na vida... E o casamento para mim devia ser seguro, completo, e de paz absoluta. Sentia, por isso, medo de casar.

Rex era bom de mais para eu ter a coragem de o arruinar assim impensadamente com um casamento desastroso. Eu havia cometido muitos erros na vida e tive medo de outro. Mas êle esperou. Disse-me até que esperaria sempre enquanto durasse a minha irresolução.

A minha vida desmoronára-se. Daisy De Voe que eu estimei como uma irmã, traiu-me.

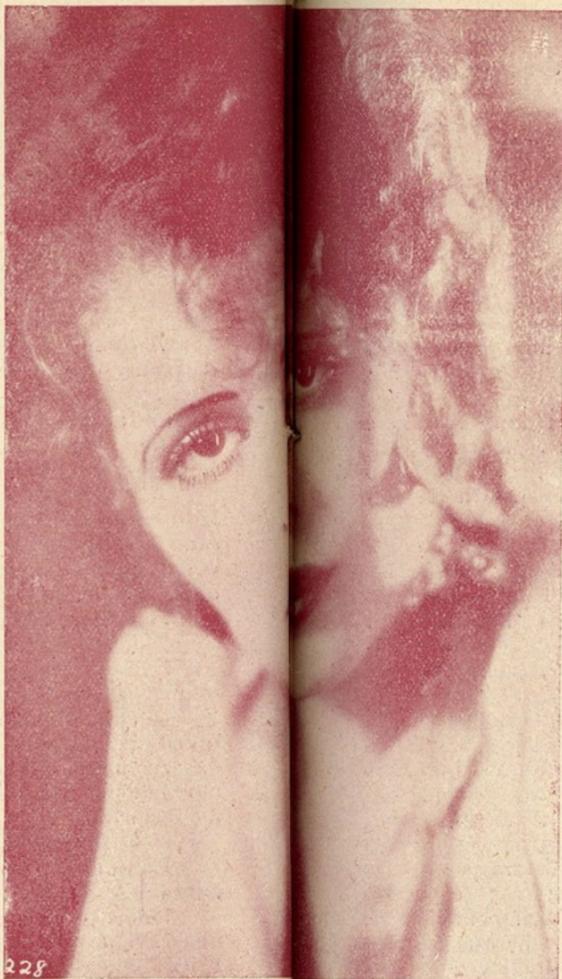
Gurnau atacou-me no seu jornal. Os papeis que os estúdios me davam eram cada vez menos adequados a minha pessoa. O facto de Daisy e Gurnau terem sido apontados como culpados e metidos na cadeia, pouco adiantou.



Eu sentia-me exausta e amedrontada de tudo e de todos. Cada vez que via a aproximação dum vendedor de jornais, tinha a impressão de que êle vinha gritando *Clara Bow! Clara Bow! Clara Bow!* Sentia-me perdida, perseguida e aterrorizada. Rex foi tão bom e carinhoso comigo, como minha mãe o teria sido se a morte a não tivesse levado e se achasse ao meu lado, amorosa, minorando-me o sofrimento de tôda essa crueldade.

Deixei a Paramount — e foi a melhor coisa que fiz; fiquei livre de um momento para o outro e desatei a correr, a fugir, para desaparecer da opressão de todos aqueles más línguas que me olhavam e murmuravam de mim. Tentei reanimar-me, porque moralmente sentia-me arrasada.

Mais tarde, quando me senti melhor, quiz casar com Rex, mas êle achava-se sem trabalho e eu sabia que êle ambicionava um contracto, para economisar algum dinheiro, para então nos unir-mos. E' que receava que o mundo murmurasse que se



## Clara Bow diz de sua justiça

### Palavras sinceras da querida atriz a uma jornalista sua amiga

casava comigo era por causa do meu dinheiro. Isso divertiu-me muito, porque lhe achei graça temendo as más línguas a seu respeito — quando tantas coisas ouviu e leu a meu respeito — e que coisas! — sem nunca me pedir qualquer satisfação.

Eu fôra metida a uma rude prova.

Mas esperamos e Rex conseguiu ser contractado, pondo algum dinheiro de lado. Disse-me então que podia pagar as despesas da casa futura.

Constatai que realmente Rex era diferente de todos os outros — interessava-se pela vida que íamos levar e achava-me digna de compartilhar a sua vida.

Senti a noção completa de que êle me sustentaria na vida e disse então que se de facto quizesse ligar a sua existência à de uma criatura doente e ner-

vosa como eu o era, então, que estava pronta a casar-me com êle, naquele mesmo instante, se assim o quizesse.

Hoje pertenco-lhe... e para sempre! Se alguma coisa acontecer no nosso amor, tenho a certeza de que será o meu fim.

O casamento para mim, foi muito bom. Amadureceu-me e tornou-me mais consciente. Deu-me atitude, segurança e compreensão da vida.

Hoje, antes de fazer qualquer coisa, penso duas vezes. Tenho um medo terrível de vir a desgostar Rex.

O casamento deu-me um companheiro, uma amizade como nunca eu conhecera.

Agora tenho a quem contar os meus dissabores, as minhas alegrias, os meus problemas e possuo alguém que me protege e a quem posso confiar a minha alma e o meu corpo.

Achei-me na vida bastante só. Agora, não.

Acho que foi por isso que fiz aquelas maluquices e erros que tantos desgostos me deram. Dignei muita importância à falsa

educação de Hollywood. Actualmente sei bem o que isso é. Nos dias que passam, compreende-se, todos somos umas palhinhas ao vento da sorte...

Hoje o que quero da vida é apenas algo de duradouro.

Antes de mais nada: — um filhinho.

Os meus gostos e os de meu marido são simples, felizmente.

Queremos somente socegar e levar uma vida pacífica e normal. Não queremos muito dinheiro.

Um lar, um filho, ou dois, ou mais que sejam... um optimo marido... que mais pode desejar uma mulher?

Eis o que eu quero apenas.

Clara Bow não pensa continuar a sua vida de artista cinematográfica. Quere somente trabalhar num filme que será



uma espécie de reabilitação sua. «Quando eu deixar o cinema — disse ela — então vê-me-há realmente porque o deixei e não porque êle me tivesse abandonado.

«Quero ainda ser estrêla; não como fui, mas para ficar lembrada como presentemente sou».

Eis o que pensa hoje a grande *flapper* americana, a rapariga mais universal que o cinema conheceu.

Ontem, uma pequena leviana, azougada e caprichosa. Hoje, absolutamente transformada numa banal mulhersinha caseira, pensando no lar e no futuro.

Essa tempestade provocada pela sua ex-secretária ainda foi duma grande vantagem para a Clarinha. Reabilitou-a.

A «United Press», enviou para os jornais diários a seguinte notícia:

«Anunciam de Hollywood que as famosas *estrêlas* de cinema, Greta Garbo e Marlene Dietrich, que figuram entre as artistas mais altamente pagas da colônia estrangeira de Hollywood, estão em perigo de ser deportadas em consequência da lei de emigração americana.

Nenhuma delas com efeito procurou ser admitida no país ao abrigo do artigo da lei de emigração que permite aos artistas entrarem na América para exercerem a sua profissão.

A União dos Actores de Hollywood está neste momento fazendo um inquérito acerca da verdadeira situação em que se encontram aquelas artistas perante a lei de emigração americana».

Pode a próxima época ser muito fraquinha, porém, vamos ter a satisfação de ver, pelo menos, dois filmes interpretados pela «nossa» Lilian Harvey. São êles:

*Quick*, uma produção de Erick Pommer, realizada por Robert Siodmak, na qual nos aparece novamente o impagável Armand Bernard e *Um Réve Blond*, também uma produção do famoso Erick Pommer, desempenhando o principal papel masculino o simpático Henry Garat. Estes filmes, desnecessário se torna dizer, serão distribuídos em Portugal pela Agência H. da Costa.

*Quatre Coeurs*, é o título do fonofilm que André Hugon dirige presentemente nos estúdios «Gaumont» tendo como protagonistas Armand Bernard e Jeanne Boitel.

Nos estúdios da «G. F. F. A.» foi concluída a filmagem de *Ombres des bas-fonds* com o conhecido artista realizador Harry Piel.

Vai ser adaptado novamente ao Cinema o célebre romance de Victor Hugo, *Miseráveis*, por Raymond Bernard e André Lang.

Como eu vi

# ANJOS DO INFERNO

Naquelas gargalhadas alvares, que estrondeiam hoje nas salas de espectáculos, quando se exhibe um filme pacifista, naquela inconsciência com que o público discute o cenário dos filmes, em todos os factores, nota-se que, infelizmente, as gerações perderam já a noção da dura lição de 1914-18.

Mais poderosamente que dezenas de discursos pacifistas, mais eficazmente que tôdas as quiméricas conferências de desarmamento, o cinema tem contribuído para procurar achar a paz entre a bestialidade inata da humanidade.

Sentados comodamente, de família ao lado, um pai, uma noiva, uma irmã, os rapazes de agora já esqueceram a hecatombe cruenta d'esses quatro anos de guerra. As visões do cinema de hoje já não passam de meras reconstituições...

E a paz, só é paz, para aqueles que morreram de bôrco sob a lama das trincheiras, para os que varados por uma bala sentiram a vida fugir com o sangue em que se esvairam, quem sabe quantas vezes, com o pensamento pôsto nalguma figura terna e meiga, que a escuridão nascente da morte lhes cercava dum halo fugitivo.

Só é paz, para aqueles que dormem estendidos sob as cruzes de madeira, heróis muitas vezes ignotos, caídos num campo a que chamam da honra e da glória e que é na posteridade o do esquecimento e do perdão.

Ao ver *Anjos do Inferno*, uma sensação me interessou cotidianamente: ver como a plateia acolhia a cena final do filme.

Sensibiliza-nos ainda pensar e ver, que a-pesar de todos os esquecimentos, a-pesar da charrua e do arado terem apagado os vestígios das trincheiras, a-pesar do trigo crescer mais vasto nas terras que a metralha revolveu e que sangue humano regou, há ainda quem vibre, quem chore e quem fique pensando nos horrores passados. Há ainda na mulher, a recordação pungente daquelas horas de amargura, em que pelo entardecer partiam a caminho da morte, êsses heróis e êsses bravos que iam defender os direitos das gentes...

Era a mulher que ficava, era a mulher que se ia curvar para o solo, arrancar-lhe o pão cotidiano, dar à natureza a côr e a vida, enquanto se podia, enquanto ao suor da cavadora não vinha juntar-se o gotejar das lágrimas, não vinha vertir-se de tristeza o que era alegria e amor.

O homem de ontem como já o homem de hoje não receava os horrores da guerra; se não fôra o receio mútuo do mais forte, crêmos que actualmente a lição da catastrophe já estaria ampliada. Naquilo em que o homem de 1914 via um mal com benefícios, já hoje, dezoito anos depois o homem vê benesses. As lições da humanidade à humanidade esquecem depressa; o que se fez ao pretenso anarquista de 1914 que anatematizava a guerra, far-se-á amanhã ao ousado que se atreva como aquêle, dizer que a guerra é um mal.

E' no esquecimento, da peste e da fome que gerou o mal de 1914, é no à vontade com que se discutem armamentos e desarmamentos, que está a razão da maneira frívola como se discutiu e encarou *Anjos do Inferno*; temos ouvido apreciações do filme, mas ainda não houve um só, desses da arraia miúda, dos que sofrem e dos que choram, dos que

morrem e dos que têm a vida num caos, com pulmões cavernosos ou filhos raquíticos, que nos dissesse:

— Sim ali está uma grande lição. Aquilo é verdade, aquilo ensina-nos a amarmos a paz.

Não, nêsse retalho da guerra, só se viu o espectáculo. O resto dorme já na poeira da memória.

Não houve talvez quem visse nêsse John que a necessidade faz morrer às mãos do próprio irmão, um revoltado, um doido contra a chacina, um grito pela vida, contra a guerra, a guerra que nos atirou para a frente das batalhas, mocidade contra mocidade, inutilidade contra inutilidade, beneficio de capitalistas e nababos.

Não houve, ou poucos houve, que notassem que nesse John, bom rapaz, travêso e alegre, havia um ódio profundo a tôda a choldra que gera o heroísmo relativo das guerras.

Cobarde, talvez lhe tivessem chamado alguns, medroso, ainda outros... E, no entanto, êsse môço que um beijo de mulher lançara nas mais eficazes armas da actualidade, só uma vez treme; é quando a terra o espera para lhe receber o avião em chamas. Treme, porque ama a vida, porque sabe que naquêlo amplexo formidável, pôde terminar duma vez o sonho quimérico do existir.

Porque se não há-de reconhecer a êste filme tendências altanentes pacifistas? Por causa do final?

Era o lógico, mas o mais cruel; entre a morte dum irmão que se estima e o trucidar de centenas de homens porque caminho optar?

Infelizmente a resposta é a mais dura, a mais inconcebível humanamente, mas a mais lógica. Foi a que nos deu o filme...

*Anjos do Inferno* é um pequeno quadro duma guerra terrível, cheia de lições.

Já que a posteridade tem de cobrir com o manto do esquecimento o tempo que passou, que daí fique para os homens uma lição; que não vamos acordar pela metralha aqueles que descansam em paz, que morreram num inferno de dôres e de males.

Que cheguemos à conclusão que a palavra mãe, dita em qualquer língua tem sempre a mesma ternura o mesmo amôr a mesma união. E na guerra muitas vezes, por entre o fragôr dos canhões, ela, essa palavra, deve ter saído da bôca dos moribundos, pedindo-lhe água na hora sedenta da agonia, quando os olhos se vitrificam e ficam a olhar em extase êsse conjunto querido que deve fazer a família quando se parte para o além.

Que reine a paz entre os homens, já o dissera Cristo; mas apesar do rodar dos séculos, apesar do aniquilamento das gerações, os homens nunca mais aprenderão estas lições do «écran», não são mais do que fogos-fátuos no pensamento dos homens, não são mais do que espinhos pungentes para aquêles que sentiram a enormidade do horror.

# Com o fogo não se brinca

Comédia musical falada em francês.  
Realização de RENÉ HERVIL  
Na próxima semana no Aguiar d'Ouro

O compositor Lucien Versin tem um olhar tranqüilo. Um esposo amoroso e um petiz encantador, Nicole, a esposa, faz prodígios para economizar, pois o marido convence-a de que tem tido grandes prêmios nos últimos tempos. Mas não é bem assim... Lucien sustenta o luxo de uma amante cara, a intérprete das suas obras.

Lafillette, um amigo íntimo e colaborador teatral de Lucien, não vê com bons olhos esta ligação, tanto mais que Nicole não é merecedora de tamanho desprêzo. Nicole é uma creatura meiga e simples, muito caseira e, de bom grado, despoja-se de todos os atávios para poupar preocupações financeiras a Lucien.

Sucedê, porém, que Nicole descobre a infidelidade do marido e, em vez de se resignar como tantas outras esposas infelizes, «toma a ofensiva». Exige que o marido a deixe só por algum tempo. O choque foi tão brusco... Lucien, ante a intimativa da esposa e a fim-de evitar conflitos, parte para as suas propriedades em Frenoy. Ele compromete-se a escrever-lhe logo que a crise tenha passado.

Nicole, durante a ausência do marido, transformou a casa. Já não é o lar familiar e simples dos dias passados. É uma casa extranhamente futurista, cheia de arrebitos, de tapeçarias caras, de móveis exquisitos.

Ela própria já não é a dona da casa muito burguesa e muito simples. Encomendou vestidos escandalosos, sem olhar ao dinheiro nem às conveniências. Lafillette anda aterrado com aquela súbita transformação e mais espantado fica ao saber que Nicole prepara uma festa para a qual convidou a amante do marido e os seus amigos íntimos.

É justamente nessa noite de festa que Lucien regressa, chamado por um telegrama de Nicole.

A sua estupefação é imensa. E em vez de Nicole lhe ter dado uma lição, é êle que a salva de um grave passo que a sua inexperiência e a sua leviandade lhe ditaram.

Nicole convece-se finalmente de que com o fogo não se brinca.

Pede-lhe perdão, e para compensar tamanha desilusão, adquire a certeza de que d'ora-avante o seu maridinho não se meterá em aventuras amorosas e viverá inteiramente para o lar.

Primorosa interpretação de  
Alice Cocéa — André Roanne  
Uma produção de Jacques Haik

## De que se fazem os filmes?

A' primeira vista, o filme cinematográfico não é nada. É uma tirinha de celuloide em que se acham retratadas umas carinhas bonitas, que riem, brincam de amor, às vezes cáem no laço e livram-se dêle pelo recurso do divórcio...

Mas se só isso constituísse o cinema...

O leitor vai ficar espantado quando souber que o cinema é a indústria que mais coisas requer para a sua existência e progresso. Nele não só entra todo um mundo de coisas de arte — desde os seus actores e actrizes aos músicos, pintores, romancistas, etc. que trabalham na «mise en scène» das fitas — como também variados materiais, alguns custosos e raros, que se fazem necessários na indústria do cinema.

Segundo há pouco fez público Mr. B. P. Schulberg, director-gerente do estúdio da Paramount na Califórnia, aquele atelier consome por ano os seguintes materiais:

23.750 tábuas de pinho para o emparedamento dos «sets».

2.750 lâmpadas eléctricas de 1.000 a 5.000 watts, sem falar, está claro, na enormidade de lâmpadas de outro calibre que ali se gastam.

71.500 carvões para as lâmpadas de arco-voltaicos.

27.092 jardas de tarlatana.

250 libras de cêra de abelha.

9.119 resmas de papel mimeográfico.

4 milhões de pés de madeira pesada para a armação dos «sets».

10.000 lâminas de Gillette.

200.000 cigarros. (Estes não entram no filme senão no efeito de serem filmados pelos actores em cêna).

4.294 garrafas de gingeralo — para a imitação de «champagne».

1.380 — ditos de suco de uva — para fazer de conta que é vinho...

85.000 jardas de fazenda fina para a indumentária dos artistas.

100.000 galões de gasolina.

65 milhões de pés de filme virgem.

1.000 barris de pregos e parafusos.

3.500 sacos de gêsso para a moldagem de objectos e estuque dos compartimentos de madeira dêsses lindos palácios que os filmes nos apresentam como sendo de pura cantaria.

Tudo isso entra na manufactura dos filmes — não estando arrolada nem uma metade do que os estúdios consomem. Quantas mil libras de cosmético e carmin usam as estrêlas, que aí não estão mencionadas?

Isso é o que conviria pesar e meter na lista...

Meus caros amigos: Volto hoje a apelar para a vossa descendência e amizade, por não vos ter escrito no número da semana passada. Mas eu vou dar as minhas explicações e vocês vão-me perdoar mais uma vez. Esteve cá o Robert Gaillard... Não imaginam que belo rapaz êle me saiu: verdadeiro camaradão, alegre, inteligente, divertido, falador. No primeiro dia conquistamos sem dificuldade a simpatia um do outro, ao terceiro já nos tratávamos por tu e daí por diante fomos camaradas inseparáveis, com vosso prejuízo, pois durante sete dias não consegui dez minutos para vo dedicar. Mas vocês compreendem, eu tinha deveres de hospitalidade a cumprir. Estou perdoado não é assim?

Os meus leitores de Ponta Delgada merecem hoje duas linhas especiais. Têm sido gentilíssimos, mandam-me constantemente informações do que se passa nos Açores, e são verdadeiros bons amigos da *Invicta*. A todos, um grande abraço de agradecimento.

Vocês querem saber? O Fernando ficou avariado com os momentos de convívio que teve com a Monique Roland. Enquanto ela esteve em Lisboa o rapaz andou doído, só pensava na Monique, só via a Monique, só falava na Monique, só sonhava na Monique, só dormia com a... ah! isso não!... não chegou a fazer... Agora que ela partiu, anda triste, melancólico e suspira de saudades, ralado com penas de amor... Numa carta dêle que aqui tenho, cheia de exclamações e de suspiros, pede-me que vos diga que a Monique é a rapariga mais deliciosa dêste mundo, a estrela mais fotogénica, a artista mais cativante que existe sobre o globo terrestre!... Mas leiam antes a entrevista que o Fernando teve com ela, e, aqui para nós, confessem, aquele olhar dela, aquela posição, aquele sorriso!... eu até não digo mais nada...

Carlos — Folgo em saber que *A Severa*, em Ponta Delgada foi coroada de tanto sucesso. Tanto melhor. Não sei a direcção do Silvestre Alegrem. Póde continuar a escrever, sim senhor. E porque não havia de poder?...

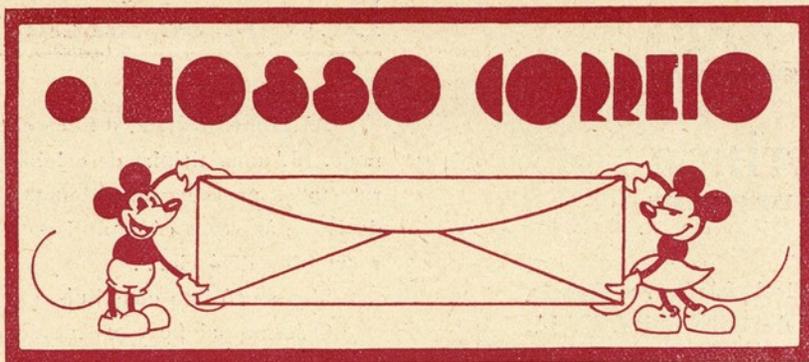
Minoz — A ideia de oferecerem a *Invicta* como prémio no concurso organizado pelo «Diário dos Açores», é gentil e para nós muito agradável. Folgo em saber que o sonoro continúa a ser coroado do melhor sucesso aí em Ponta Delgada. Pena será, porém, se os filmes *Matou!* e *A Tragédia da Mina* não forem exibidos nos Açores. Mas eu creio que o serão, mais tarde ou mais cedo. Obrigado pelos informes que me dá. Não sei agora a direcção que pede mas dar-lha-ei na primeira oportunidade. Até breve. Escreva sempre.

Eduardo Dias Rêgo — Obrigado pela sua carta e programas que enviou. Colette Darfeuil mora na rue du Théâtre, 78, Paris (XV), França. A outra direcção não sei. Sempre às suas ordens.

Paulo — Não conheço casa de aluguer de aparelhos de filmar; creio mesmo que é coisa que não há. Não foi você que noutro dia me pediu a direcção de Charles Vanel? Ela aí vai: 233, Faubourg Saint Honoré, Paris (XVII). Espere, e também foi o amigo quem queria saber a morada de Irene Wells, não foi? Ela aí vai também: 4, rue du Colonel-Bonnet, Paris (XVI), França. Obrigado pelos programas aí do cinema de Ponta Delgada. Continue a escrever-nos.

Um académico — Ainda bem que você me compreendeu e eu só lhe louvo a sua vontade de aprender. Você está justamente na idade em que se começam a fazer divagações de espírito, ensaios estéticos e é muitas vezes dessas primeiras tentativas que saem as bases para futuras coisas aproveitáveis. Mas a par dessas tentativas não deve esquecer que o aumento da sua cultura geral, e literária, em especial, é factor preponderante para o êxito que possivelmente procura atingir. Por isso lhe mandei ler muito e bons autores. Disponha sempre da minha paciência.

Paulo — Ainda agora respondi a outra carta sua. «Dubbing» é o seguinte: Fez-se a versão original dum filme, supunhamos em inglês; quere-se depois fazer uma versão em francês, por exemplo, e para evitar a realização dum segundo filme com outros intérpretes, consegue-se sincronizar o diálogo em francês, que pessoas que não vemos pronunciarão, com o movimento de lábios dos artistas que interpretam o filme e que falaram em inglês. Para você perceber melhor esta explicação demasiado singela aí vai um exemplo: o filme *Trader Horn*. «Dunning» é um truc fotográfico que permite, por exemplo, apresentar actores cuja actuação foi filmada em pleno estúdio, sobre um fundo tirado por exemplo em Africa, ou no Polo Norte. *Trader Horn* serve também de exemplo. A explicação detalhada da maneira como se realizam êstes dois processos é longa demais para lhe ser dada aqui. Todavia se quiser saber mais alguma coisa, não deixe de perguntar.



**Doido por Loira**  
— Os cavalheiro preferem sempre as loiras... e as morenas. Creia que me deu muito prazer a sua carta... demais a mais sendo nós já velhos conhecidos, e acredite que folgo muitíssimo em poder incluí-lo na «minha família». Parabens pela fotografia que recebeu da Madrinha. Que felizado! Pode continuar a escrever-me, pode contar-me as suas loucuras pelas loiras, pode dizer-me as suas opiniões sobre os filmes que mais o interessarem e conte sempre com a minha simpatia e o meu interesse pelas suas cartas. Até breve, então.

**Maria Cachucha com quem dormes tu** — Como deve ter visto foi verdade a troupe da «Ufa» vir a Portugal. Esta embaixada deve alegrar-nos muito, porque é das melhores propagandas que se podem fazer ao nosso país. Sobre a C. P. F. S. T. K. F. não sei nada de novo, nem sei de nenhum escândalo. Deve ser boato...

**Frita Laranjas** — O Sr. Maria Cachucha, etc... participa-lhe que já recebeu as revistas e que já lhe enviou os «Cinéfilos».

**Um Endiabrado Cinéfilo** — Ser «cinéfilo» já não é lá muito bom, mas cinéfilo e endiabrado é um bocado peor... Fritz Rasp nasceu numa cama muito larga num dia de nevoeiro. Gerda Maurus apareceu em *Espíões* e *A Mulher na Lua*. Julieta Palmeira depois de *José do Telhado* entrou num filmezinho sem importância, que nunca chegou a ser exibido. Os filmes de Clara Bow são numerosos demais para os inumerar todos. Se se contentar só com os nomes de alguns, estou pronto a ser-lhe agradável. Para fazer a comunicação às leitoras, como Você deseja, preciso primeiro que Você me dê a sua direcção. Não vi o filme que menciona. Até à semana.

**Rei da Pândega** — Olá Magestade, então como vai isso? Registo a sua opinião sobre *Atlântida*. Brigitte Helm tem na verdade uma maravilhosa actuação e exhibe nêsse filme a sua extraordinária beleza na sua expressão máxima. A primeira pergunta não respondo por já aqui dizer uma ou várias vezes que não metia o nariz nas vidas privadas dos artistas. Não tenho a distribuição do filme que menciona. Vou vêr todavia se lhe consigo arranjar.

**Ego sum qui sum** — Para falar com franqueza devo dizer-lhe que não gostei nada de *Fantomas*. Não só a história e a maneira como é construída é non plus ultra convencional como também a realização deixa bastante a desejar. As cenas de começo acho-as, à parte algumas imagens, mais ridículas do que emocionantes. É aquela do homenzinho apanhar com a mobília de quarto completa e ficar fresquinho como uma alfaca e sem uma arranhadela... é de morrer a rir. Como vê, dou-lhe o desgosto de não sêr da sua opinião. Não sei porque não têm cá trazido os filmes de Tom Mix. A estas horas já o Murat está em Paris ou em Berlim. Escreva-lhe ao cuidado da Ufa, Kochstrasse, 6-8, Berlim, Alemanha.

**O Homem do Chapêu Branco** — Também eu estou nas suas condições. Nós ainda não recebemos nada. Se houver alguma coisa informa-lo-ei.

**Bibok** — A *Invicta* tem saído com algum atraso mas agora vai entrar de novo nos eixos. Você é muito amável em ter pela nossa revista um tão grande e simpático interesse. Comunicarei ao Soutinho d'Oliveira que Você o acha «todo simpático». É verdade! Quando sair êste número faz a Bibok não sei quantas primaveras!! Os meus parabens!!

**Adozindo Matos** — As reclamações devem ser dirigidas à Direcção. Os assuntos administrativos tratam-se com o administrador. Se quiser conversar comigo sobre fitas, se desejar saber direcções, se necessitar de informes ou explicações cinematográficas, então dirija-se a esta secção, que eu estarei sempre ao seu dispor.

**Ai a Dolly!** — Ai!... Era um amor, éra... mas não é para si... nem para mim. Também, eu já estou servido... Escreva-lhe para a Aafa-Filme, Berlim S. W. — 48, Friedrichstrasse. Uma rapariga tão graciosa, certamente não deixará de lhe responder.

**Uma futura «Aza» do cinema português** — Mais uma asa quebrada!... Se eu não lhe posso dizer qual a melhor maneira de se fazer escolher por um qualquer futuro realizador português? Posso. Sei até de uma maneira infalível... Mas só lhe digo ao ouvido, para as outras leitoras não corarem... Não posso ser mais franco. E se a menina se deixasse estar em casa muito socagadilha? Olhe que o cinema, visto por dentro, é muito diferente do que parece ser, visto por fóra. Pobres cabecitas loucas? Você apesar dos disparates que diz, provocados pelos seus 19 anos, deve ser boa rapariga... por isso veja bem o que faz.

J  
E  
A  
N



M  
U  
R  
A  
T

o famoso actor francês que ùltimamente esteve em Lisboa  
filmando "Estupefacientes", aparece na próxima semana no

**OLYMPIA** em dois gran-  
des fonofilmes

Um homem feliz e Dois num automóvel

Uma super de ERICH  
POMMER, com KATE  
DE NAGY

Uma encantadora comédia,  
com ANNABELLA  
e DUVALLÈS

**DOIS FONOFILMES DISTRIBUÍDOS PELA** AGENCIA CINEMATOGRAFICA  
H. DA COSTA, L<sup>DA</sup>

## Fitas Faladas

(Conclusão)

Mas esta conversa seria muito interessante, continuada, se não reparássemos que só faltava meia hora para a partida do comboio.

— *Comment?* — perguntamos. — Então êles ainda cá estão? Não podia ser. Premi o botão da campainha do quarto do porteiro.

— *Entrez.*

Abri a porta.

— Perdão. Eu não sou o André, mas sabe-me dizer se os artistas da «Ufa» ainda cá estão?

— Já saíram.

O Mahfoud, correu à estação do Rossio, meteu-se no comboio e apeou-se na estação das avenidas, conseguindo, no entanto, uma entrevista para o *Deutch Magazine*.

Que foi mais original, ninguém poderá constatar.

DOUGLAS FAZ... BANKOS.

### Mais notas sôbre

## KATE DE NAGY

### Como verão, ela foi jornalista e pintora

Nem tôda a gente sabe que Kate de Nagy a deliciosa intérprete de *Um Homem Feliz* é filha de um banqueiro húngaro e foi jornalista, antes de trabalhar no cinema. Aborrecendo a vida tranquila da burguezia, abandonou a sua familia para vir a Berlim procurar uma situação. Não falava lá muito bem o alemão, mas isso não a impediu de se tornar na capital alemã jornalista.

Colaborou em várias revistas de vanguarda, tratando assuntos, desportivos, artísticos e psico-analíticos. Os seus artigos eram escritos no seu idioma natal e os redactores dos jornais em que ella colaborava vertiam-nos em puro alemão. Dedicou-se porém à lingua de que necessitava para ganhar a vida e dentro em pouco dispensava os traductores. Os seus artigos eram muitíssimo apreciados pela sua profundidade. Mas a encantadora jóveme não se contentou apenas com os seus successos literários. Consagrou-se à pintura, tendo participado em algumas exposições com certo successo. Foi então que alguns amigos chamaram a sua atenção para o cinema, e a

## CARTA DE PARIS

(Conclusão)

deve ser a melhor produção da época próxima. Já a vi na Alemanha e gostei muito. Farei a sua distribuição. Lá irá ter a Portugal.

— E mais nada? Não haverá *coisas* de que o portuguesinho gosta?

— Sim, algumas coisas, poucas. Por exemplo, a vossa *madrinha* Harvey fará os três annunciados filmes, naquele seu interessante género que tanto successo fez. Depois irá para a Fox, americanizar-se...

— Para a Fox?

— E' verdade. Depois de muito instada sempre aceitou o contrato, e para falar com franqueza acho que fez bem.

— Mais novidades?

— Mais nada, meu amigo. O cinema sonoro necessita marchar mais vagarosamente, sem a febre que teve nestes primeiros anos. Precisa de *pensar* para fazer obras de valor. Assim nem tempo teve para reflectir...

Mademoiselle Helène, uma engraçada *dactilo*, secretária do nosso entrevistado, aceita fazer-nos a foto que ilustra esta página.

Na varanda, olhando o *boulevard* Poissonière, vendo as multidões que passam a correr, a gentil Helène que também é uma cinéfila autêntica, dispara o pequenino kodak que sempre me acompanha.

Está feita a entrevista — uma longa conversa que durou cinco horas rápidas, trocando impressões, discutindo pontos de vista, palestrando como dois velhos amigos que se não viam há anos.

H. da Costa não disse, é claro, só o que aí fica. As suas afirmações — afirmações de Alguém que sabe o que quer e o que pensa — não podem, numa simples reportagem, ficar arquivadas. Ficarão de remissa para nova oportunidade, quando fôr necessária uma grande opinião, meia dúzia de palavras de valor, uma autêntica lei cinematográfica. H. da Costa é, incontestavelmente, um dos poucos cineastas que pode dar opiniões, leis.

E a *Invicta Cine* ficará sempre honrada, atirando-as para os seus leitores, para o público.

Paris, Junho, 1932.

E M Í L I O L O U B E T .

puzeram em relações com um *melleur en scène*. O resto já os nossos leitores o sabem, contado num dos nossos últimos números pelo Alves da Cunha.

Claro que abandonou completamente o jornalismo.

# BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE  
|||| pelas Ex.ªªª Empresas dos Cinemas: ||||

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 16 de Julho de 1932.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 14 e 16 de Julho de 1932.

O D E O N

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 16 de Julho de 1932.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

# Quina d'Ouro

apresenta na próxima segunda-feira  
o interessante fonofilme falado  
e cantado em francês com música  
encantadora de ALBERT CHANTRIER

## COM O FOGO NÃO — SE BRINCA! —

Uma produção de Jackes Haik,  
dirigida por René Hervil  
e interpretada por Alice Cocéa  
e André Roanne. ==

Programa CASTELO LOPES

---

---

# CASTELO LOPES, LIMITADA

---

---

a firma detentora dos melhores  
filmes europeus e americanos

apresenta brevemente  
no elegante cinema

## AGUIA D'OURO

a super produção da "United Artists,,"

# A FERA AMANSADA

---

---

COM OS FAMOSOS ARTISTAS  
DOUGLAS FAIRBANKS  
E MARY PICKFORD

Grandioso fonofilme baseado na  
comédia de W. Shakespeare

---

---